



LEITURA: UMA TEORIA POSSÍVEL PARA PRODUÇÃO TEXTUAL  
(READING: A POSSIBLE THEORY TO TEXTUAL PRODUCTION)

Joyce Elaine de ALMEIDA (Universidade Estadual de Londrina)  
Luciana Pereira da SILVA (Universidade Estadual de Londrina / Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná – Unidade de Cornélio Procópio)  
Maria Beatriz PACCA (Universidade Estadual de Londrina)  
Martha Augusta Corrêa e Castro GONÇALVEZ (Universidade Estadual de Londrina)

**ABSTRACT:** *The PROLE: a redação como produto de leitura project, composed by professors and students of the Curso de Letras da Universidade Estadual de Londrina, considers the reading as a generator fact to produce texts. To create the lessons to the middle school students, we searched the reading theoretical support to achieve the writing text practice. This paper intends to describe this theoretical support, trying to ask the following questions: what is reading, what for do we read; which is the relationship between reading and writing and finally why do we read?*

**KEYWORDS:** *reading; writing; linguistics.*

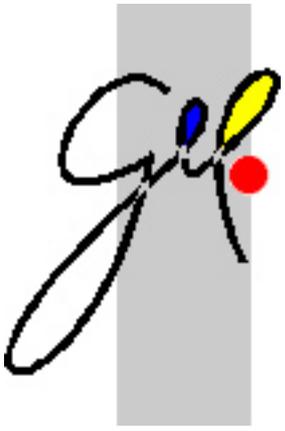
## 0. Introdução

O projeto *PROLE: a redação como produto de leitura*, composto por professores e estagiários do Curso de Letras da Universidade Estadual de Londrina, busca trabalhar a produção textual tendo a leitura como fator gerador desta atividade. A partir desta proposta norteadora, o grupo estuda as teorias sobre leitura e as utiliza para embasar as aulas que são ministradas pelos estagiários para alunos do ensino médio da rede pública.

Este trabalho tem por objetivo relatar parte destes estudos, tentando demonstrar a relação que se estabelece entre o estofo teórico e as aulas propriamente ditas.

## 1. O que é ler: aspectos teóricos do processo de leitura

Definir o ato de ler implica discutir formas de leitura, considerando que, em sentido lato, entende-se leitura como a decodificação de qualquer forma de comunicação. Portanto, quando se generaliza, o texto escrito não é o único objeto de leitura. Lê-se uma placa de trânsito, uma propaganda, uma dança, uma canção popular. Em todas estas formas, porém, estão implícitos dois fatores básicos: a busca do sentido e a presença dos interlocutores. Neste caso, o ato de ler ultrapassa os limites impostos por uma definição simplista e é entendido como um processo complexo que envolve várias etapas.



### 1.1. Leitura: etapas de um processo

São quatro as etapas do processo de leitura: decodificação, compreensão, interpretação e retenção. O processo é seqüencial: cada etapa completa-se a partir da anterior. Segundo Cabral (1986: 12), há fases mais periféricas que acionam a memória visual e estão ligadas ao reconhecimento e à compreensão dos símbolos escritos – as palavras. Na visão desta autora, “...leitura é um ato criativo que exige do receptor uma posição ativa de acionar conhecimentos anteriores para a aquisição de novos conhecimentos, julgando-os criticamente.” Assim, as fases de compreensão e interpretação revelam-se como as mais importantes, mas pressupõem a primeira delas : a decodificação.

É importante definir cada uma destas fases. A decodificação pode ser definida como o momento em que o receptor reconhece os símbolos escritos, ligando-os a um significado. Para que seja integrante do processo descrito, essa fase deverá preceder as seguintes. De outro modo, a leitura permanecerá no nível do signifiante: a decodificação é apenas fonológica.

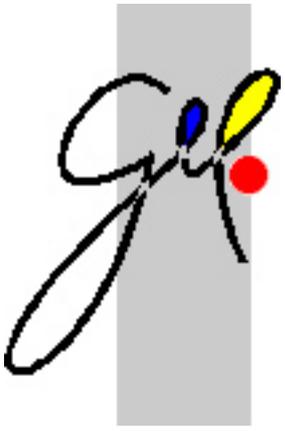
A segunda etapa, a da compreensão, completa-se a partir da primeira. Realiza-se quando o leitor percebe as informações que o texto oferece, tornando-se capaz de aprofundar a leitura, percebendo as idéias principais, a temática, e realizando mecanismos de inferências. Em resumo, é quando o leitor “lê as entrelinhas”.

Para que isto aconteça, alguns procedimentos relacionados aos mecanismos de construção da língua e aos elementos externos à ela devem ser cumpridos. Relacionam-se à coesão e à coerência textuais, num processo que tem seu início na microestrutura do texto e se completa macroestruturalmente. Implica compreensão lexical, isto é, entender novos sentidos em palavras já conhecidas e recuperar significados de palavras antes desconhecidas, a partir de informações presentes no texto. Depois, é necessário perceber as relações que se estabelecem no interior do texto, a partir de suas unidades constitutivas: das palavras à frase, na construção do sentido.

Esta fase exige um desenvolvimento cognitivo para que se realize o processo de inferência, ou seja, incursões no texto em busca de informações não explícitas mas recuperáveis. Para Poersch (1991: 131) essa recuperação “é feita a partir dos dados expressos e do conhecimento que o leitor possui da língua como código e como produto cultural, isto é, todo o conhecimento de mundo embutido numa determinada língua.” O autor refere-se, ainda, ao conteúdo metaplícito do texto, que pressupõe do leitor um conhecimento do contexto sócio-cultural e histórico em que o texto e seus interlocutores estão inseridos.

Este conteúdo metaplícito é sistematizado por Beaugrand & Dressler (*apud* Koch, 1991: 12) que o define como critérios de textualidade: a coesão e a coerência textuais, distinguindo os que são centrados no texto e os que são externos a ele, centrados nos interlocutores. São esses dados extra-textuais que abrem os caminhos para a interpretação, a terceira etapa do processo de leitura.

A interpretação, na seqüência do processo, é definida como o momento em que o leitor extrapola o texto, amplia o significado original com novos significados, faz uso de sua capacidade crítica e julga aquilo que lê. Neste momento, o leitor está apto a



reformular conceitos, questionar temáticas, analisá-las e, finalmente, completar a construção do sentido do texto. É preciso ir além, não apenas do que está explícito, mas do que pode ser recuperado por inferências ou por pressuposições. A interpretação se realiza quando os limites aparentes do texto são ultrapassados e as intenções do texto, e de seu autor, são percebidas, aceitas ou contestadas.

Menegassi (1995: 88) considera que, se tais intenções são muito evidentes, a interpretação poderá ser dirigida, independente da vontade do leitor. Mas, se o texto apresenta alguma complexidade ou é um texto literário, entram em jogo também as intenções do leitor. A partir daí pode-se falar em diversidade de interpretações, pois cada leitor pode realizá-las individualmente, considerando fatores como conhecimento de mundo, emoções, vivência cultural, momento histórico-social em que leitor e autor estão inseridos.

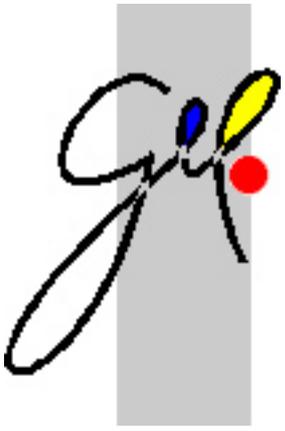
Quando se analisa a construção de um texto, a interpretação acontece na medida em que se tornam conhecidos os mecanismos de produção lingüística que possibilitam a apreensão de determinado sentido e não de outros. Logo, pode-se dizer que não se atribui um sentido ao texto, mas descobre-se que mecanismos lingüísticos foram acionados para produzir significados que projetam nele um sentido específico.

A quarta etapa do processo é a retenção, ou seja, “a capacidade de reter as informações mais importantes na memória a longo prazo” (Cabral, 1986). Esta etapa ocorre em dois níveis. O primeiro relaciona-se à compreensão e é mais superficial: o leitor memoriza do texto as idéias principais ou sua temática, preenchendo uma necessidade de memorização imediata da leitura. O segundo nível de retenção acontece a partir da interpretação e, neste caso, o aprofundamento da leitura é maior e a memorização resultante mais sólida e eficiente. Isto acontece porque os conhecimentos identificam-se com os fatos vividos, ocorrendo um processo de transferência entre vivência e cognição.

Estas etapas fazem parte de um processo coeso, cuja complexidade se manifesta a partir de um desenvolvimento progressivo no qual a etapa anterior desencadeia a posterior, que a complementar. Os momentos mais importantes estão no nível da compreensão e da interpretação, entretanto, eles não se completam sem que a decodificação aconteça.

## 2. Para que ler: a leitura como uma atividade interativa

Entre as concepções de linguagem existentes, destaca-se a que se apresenta como um meio das inter-relações humanas. Desse modo, a significação textual depende de fatores muito aquém da palavra. Para Bakhtin (1981), a palavra se torna significativa a partir do momento em que é apropriada por alguém que a transmite a outrem, o qual tem o papel de compreendê-la, aceitando-a ou refutando-a: por si só, ela nada pode revelar. De acordo com tal concepção, a linguagem se constitui num processo de interação. Segundo o autor, a linguagem verbal faz com que a significação apenas pertença a uma palavra enquanto traço de união entre os interlocutores. Portanto, a significação não é algo que está na palavra nem na alma do falante ou do interlocutor, mas no efeito de interação do locutor e do receptor produzido através da palavra.



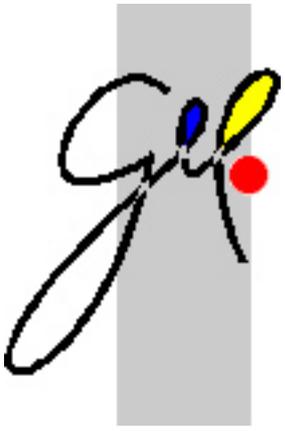
Conforme tal concepção de linguagem, a leitura também se constitui num processo de interação. Assim, o leitor, frente a um texto, debate-se por construir seus significados, o que apenas se realiza se houver alguma interação entre leitor, texto e autor. Para Orlandi (1988), o texto é o ponto de união em que se desenvolve o processo de interação entre falante, ouvinte, autor e leitor. Os sentidos de um texto não se encontram na parte textual segmentada, mas no espaço discursivo dos interlocutores. Podemos, portanto, considerar o texto como algo indefinível, inacabado, visto que só se obtém o sentido textual se forem consideradas suas condições de produção, tais como a intertextualidade, a situacionalidade, a intencionalidade, etc.

No processo de leitura, concebido com base na perspectiva do discurso, segundo a qual “o texto não resulta da soma de frases, mas da soma de interlocutores”, a intervenção social é fundamental. São fatores consideráveis nesse processo, as maneiras como o leitor se representa, o que pode ser produzido pelas relações do texto com o autor; do texto com outros textos; do texto com seu referente; ou ainda da relação do texto com o leitor. Embora seja um objeto acabado, o texto constitui uma totalidade incompleta que deriva de sua relação com as condições de produção, segundo o modo de o leitor representar sua relação com a situação e com o contexto textual, ou seja, com o texto em sua unidade.

A relação de interação instalada pelo próprio texto, torna-o um espaço aberto e nunca fechado em si, como produto finito. Longe de se limitar ao nível da informação, o entendimento produz-se na atuação do leitor, o que se dá sob forte influência da ideologia. Segundo Orlandi, “a leitura é o momento crítico da construção do texto”; na medida em que o leitor real encontra um leitor virtual, já constituído no texto, instaura-se uma situação de confronto, componente fundamental no processo de interação da leitura. A significação textual se dá, pois no ato dos interlocutores, segundo a maior ou menor compatibilidade entre as posições do leitor e do autor.

Pode-se conceber a leitura, pois como um processo cognitivo que prevê a participação do leitor, o qual, atuando enquanto agente dotado de sua própria bagagem cultural, participa também da construção da significação. E é nessa interação com o texto, em busca das intenções do autor, que o leitor, segundo Kato (1985) torna-se membro cooperativo de interação comunicativa. Cabe, portanto, ao professor de Língua Portuguesa considerar que nem sempre é o aluno que não sabe ler; muitas vezes, mesmo sabendo ler, não encontra oportunidade de interagir com o texto. Segundo uma das lições de Freire (1984), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, o que aponta para a tendência de naturalidade do aluno para interferir criticamente nos textos a que tem acesso, desde que estimulado para isso. Tal estímulo pode ser proporcionado pelo professor de língua materna, o qual, desse modo, efetuará seu papel não só de informar, mas de formar leitores competentes, capazes de enfrentar a manipulação ideológica presente nos textos, verbais ou não, do seu cotidiano.

### 3. Qual a relação entre leitura e produção textual



O processo de leitura é, sem dúvida, fundamental para o trabalho com a produção textual. Ao ler um texto, o aluno é levado a perceber sua textura, a verificar os mecanismos de coesão utilizados pelo produtor do texto e tenderá a utilizar tais procedimentos ao redigir, além dos fatores pragmáticos de textualidade.

Quanto mais conhecimento de mundo o aluno tiver a respeito de um assunto, mais idéias (vindas de outros textos) ele terá para expressar no seu texto. Como a interpretação textual leva o aluno a aumentar seus conhecimentos, pode-se, retomar o princípio de intertextualidade, apontado por Beaugrand e Dressler (1983), como um dos fatores de textualidade para comprovar a necessidade de leitura para a prática da produção textual.

O conhecimento de mundo é um aspecto individual e não limitado, ou seja, pode, a cada instante, ser aumentado a partir de várias formas, entre elas, a leitura.

A partir desses conceitos, pode-se afirmar que uma metodologia que alie leitura e produção resultará num trabalho eficiente, visto que suprirá, de maneira satisfatória, as necessidades do aluno.

#### 4. Por que ler

Na base do projeto PROLE, por um lado, está a idéia de criar leitores críticos e autônomos, através da exposição de uma gama variada de textos. Por outro lado, sabe-se que a leitura é fonte para aumentar o conhecimento de mundo do sujeito – leitor. “Lê-se para entender o mundo, para viver melhor”, segundo Lajolo (1986). A partir desses dois conceitos, elaboramos uma etapa inicial, antes da leitura propriamente dita do texto de cada módulo, a que chamamos motivação.

Esta etapa trabalha com diferentes tipos de leitura, que preparam os alunos para o texto principal. As estratégias de incentivo (motivação) mostram-se extremamente importantes para o sucesso da leitura numa visão mais ampla: é o momento em que o professor desperta o interesse do aluno pelo tema abordado, suscitando discussões levando-o a criar expectativas. Para os alunos, é aqui em que se inicia o trabalho.

O projeto, através de suas supervisoras, reserva especial atenção a essa parte da aula. Sabe-se que, infelizmente, os alunos da rede pública não têm aulas regulares de produção de textual e, quando as têm, essas se resumem a um tema para redação. Procurar despertar esse aluno desencantado com a atividade escrita é a função da motivação.

Outro fator que justifica a necessidade da motivação é a possibilidade de ampliar o conhecimento de mundo do aluno. Uma pessoa pode entender mais do que outra, quando lê, já que a compreensão dependerá também dos conhecimentos pessoais de cada um. É por isso que o *conhecimento de mundo*, aquela enciclopédia que cada um construiu na sua mente, ao longo das experiências vividas, vai ser tão importante na hora de compreender um texto.

A atividade de motivação tem por objetivo ativar os conhecimentos pessoais e compartilhá-los com os alunos, através de estímulos visuais e auditivos e de conversa dirigida.



Vejam alguns exemplos, que consideramos adequados à idéia de que, para ler, é preciso ler: ordenação de palavras para formar uma frase, anteriormente selecionada no texto de aula; utilização de uma música ou projeção de slides que se relacionem ao texto da aula; elaboração de textos em etapas; produção de texto sob diversos pontos de vista; discussões dirigidas; vídeo com propagandas.

#### 5. Considerações finais

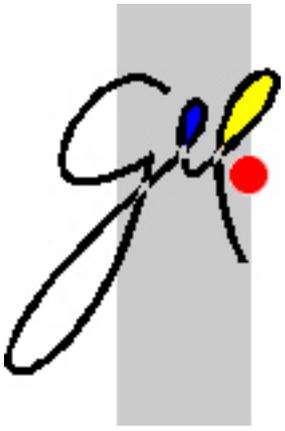
Distanciando-se das concepções teóricas que dicotomizavam a leitura e a escrita, considerando-as fases distintas e nem sempre complementares, o escopo teórico do projeto PROLE baseia-se na simbiose entre esses dois processos. Ler e escrever, escrever e ler interpenetram-se de tal maneira que às vezes torna-se difícil delimitar quando um termina e começa o outro, talvez porque não sejam etapas distintas e sim manifestações do mesmo processo discursivo. Elucidar essa questão é a proposta do projeto para a produção de textos.

**RESUMO:** O projeto *PROLE: a redação como produto de leitura*, composto por professores e estagiários do Curso de Letras da Universidade Estadual de Londrina, considera a leitura como um fato gerador para se produzir um texto. Para criar as aulas que são ministradas no ensino médio pelos estagiários, buscamos um embasamento teórico sobre leitura que proporcionasse a passagem para a prática do texto escrito. Descrever essa teoria é o objetivo deste trabalho, tentando responder às seguintes questões: o que é ler, para que ler, qual a relação entre leitura e produção textual, ler para ler.

**PALAVRAS-CHAVE:** leitura; produção textual; lingüística.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.
- BEAUGRAND, Robert – Alain de; DRESSLER, Wolfgang U. *Introduction to text linguistics*. 2 imp., Londres: Longman, 1983.
- CABRAL, Leonor Scliar. Processos psicolingüísticos de leitura e a criança. *Letras de hoje*. Porto Alegre: 19 (1): 7-20, 1986.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1984.
- KATO, Mary. *O aprendizado da leitura*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *O texto e a construção do sentido*. São Paulo: Contexto, 1997.
- \_\_\_\_\_; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 7. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.
- MENEGASSI, Renilson José. Compreensão e interpretação no processo de leitura: noções básicas ao professor. *Revista UNIMAR*. Maringá: 17 (1): 85-94, 1995.



ORLANDI, Eni. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 1988.

POERSCH, José Marcelino. Por um nível metaplícito na construção do sentido textual.  
*Letras de hoje*. Porto Alegre, 26 (4): p. 127-143, dez. 1991.

VAL, Maria da Graça. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

VAN DIJK, Jeun A.; KINTSCH, W. *Strategies in discourse comprehension*. New York : Academic press, 1983.